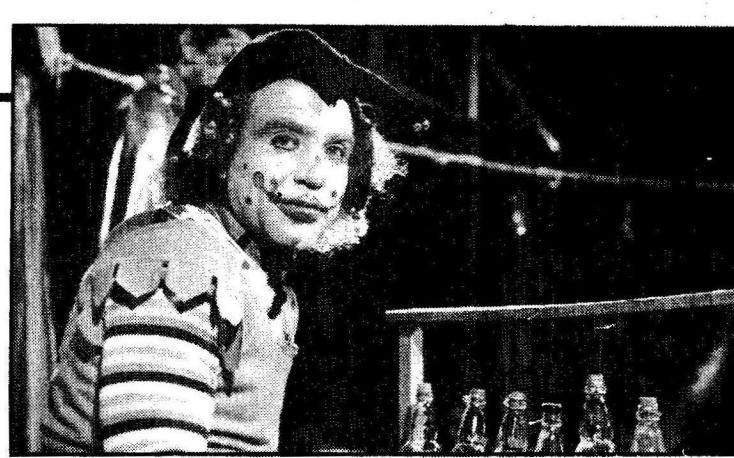


O autor e sua obra

O criador de *A Dança dos Bonecos* (foto), Helvécio Ratton esteve em Brasília e falou mais uma vez sobre sua obra-prima (Página 2)



Maratona de Pintura

Brasília será palco de uma grande Maratona de Pintura, onde estarão reunidos muitos artistas por 90 horas (Página 6)



BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL,
TERÇA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 1987

Fotos: Valdo Cavalcanti

D.F. lago PARANOÁ



Um lago pede socorro

□ O lago está morrendo. Sua doença é a mesma que vem matando muitos outros lagos e rios: a poluição. Enquanto o GDF discute como irá salvá-lo, peixes, algas e aves estão sumindo

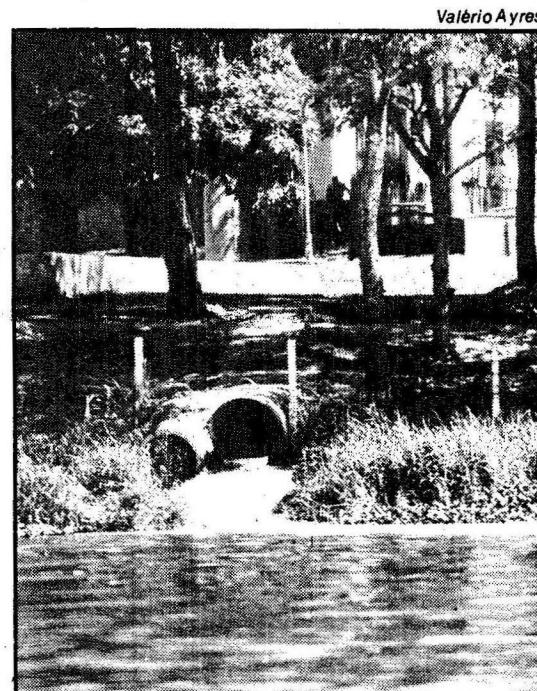
Edna Dantas

represado dando origem ao lago que hoje banha Brasília.

O porquê

O Lago Paranoá foi feito por três razões: dar condições paisagísticas, lazer e melhorar o clima de Brasília. Esse terceiro motivo, na realidade, conforme explicou Carlos Fernandes, da Coordenação do Meio Ambiente (Coama), não tinha muita razão de ser, sendo adicionado apenas como uma justificativa ambiental. Mesmo porque, como explicou Fernandes, «se a vegetação original tivesse ficado, teria uma unidade maior do que a decorrente do lago».

A bacia hidrográfica do Lago abriga atualmente uma população de cerca de 800 mil habitantes, englobando o Plano Piloto, Núcleo Bandeirante e Guará. Os principais cursos d'água que formam o Lago são: Ribeirão do Torto e do Bananal — do lado Norte — e Ribeirão do Gama e Córrego Vicente Pires — do lado Sul.



Esgotos despejam detritos que matam o lago

Vida ameaçada pela poluição

A poluição ameaça muitas vidas que dependem do lago. Nesse universo estão incluídos os peixes, os vegetais, as aves, parásitos, micro-organismos e o próprio homem, que dele retira o alimento e a água para a sobrevivência. Hoje, cerca de 60 pessoas vivem da pesca diária no lago, apesar da poluição.

A rotina é sempre a mesma. Acordar às 4 horas da manhã, pegar a tarrafa, embarcar na canoa e entrar na água. Depois, é tudo uma questão de paciência, esperar a hora certa de puxar e ver o que vem na rede. Pescadores como Raimundo Gomes, mesmo correndo o risco de ser multado e até preso pelos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento da Pesca (Sudepe), preferem pescar em pleno dia. Raimundo há seis anos pescava no lago e não admite a hipótese de que o Paranoá está poluído. «Aqui não tem poluição, e quando esses peixes ficam bloatando é porque foram atingidos pelos barcos», justifica ele.

A renda de Raimundo é de dois salários mínimos mensais. Ele tem até uma clientela já definida: em Luziânia e Planaltina. Morando no acampamento, nas proximidades do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), ele não se queixa do trabalho e só lamenta a queda na temperatura, que diminui a produção.

Debaixo da ponte

Fugindo do aluguel alto que não conseguiram pagar quando moravam na Ceilândia, Francisca, Márcio Monteiro e duas crianças, moram há cinco anos embaixo da Ponte da Bragueto, no final da Asa Norte.

Márcio é um dos 60 homens que acordam às 4 horas da manhã para pescar no lago. No resto do dia ele vende sua mercadoria a clientes já definidos em Sobradinho.

Enquanto ele vai à pesca, a mulher Francisca, de 22 anos, e os filhos Anderson, de oito meses, e Charles, de um ano e meio, ficam aguardando seu regresso com a esperança de uma boa notícia.

Para tomar banho e água, a família utiliza os chuveiros e a bica instalados logo acima de «casa», num centro de recreação do Lago Norte. «E aqui que nos divertimos um pouco», conta tristemente Francisca, que alimenta apenas uma esperança: ter uma casa própria.

Esgoto, o inimigo nº 1

Os problemas que fizeram do Lago Paranoá um paciente em coma começaram desde sua formação. Não foi feito um desmatamento da área que ele inundou e todo esse material submerso se decompôs e formou, inicialmente, a primeira poluição do Lago. Além disso, durante a criação da cidade não se preparou a terra contra a erosão, o que provocou o assoreamento ou sedimentação do fundo do Paranoá.

A partir daí, com o desenvolvimento da cidade — que cresceu exageradamente, colocando por água abaixo todas as previsões de população e infra-estrutura — surgiu os grandes vilões da história: os esgotos.

As estações

A primeira ideia que se teve para tratamento de esgotos em Brasília foi o de canalização da rede num ponto mais estreito do Lago. Esse lugar, coincidentemente, é bem próximo ao Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente da República. A sugestão, porém, foi descartada. Nessa proposta, um cano bem grosso atravessaria o lago de um lado para outro, transportando o esgoto in natura para um rio, que se encarregaria de arrastar e diluir a matéria proveniente de Brasília.

O que vingou, na realidade, foi a construção, na extremidade de cada Asa — Sul e Norte —, de uma estação de tratamento de esgotos para tratar os detritos produzidos por uma população de 225 mil habitantes. As estimativas “furaram” e hoje a demanda, em cada uma destas estações, é de 550 mil habitantes, ou seja, apenas 50% do esgoto da cidade entra “tratado” no Lago, o restante acaba caindo in natura.

Conseqüências

Uma delas é a do despejo de detritos humanos no Lago Paranoá: o aparecimento, em grande número de algas, que encontraram um ambiente propício para reprodução e vida, ou seja, um habitat rico em nitrogênio e fósforo, provenientes da decomposição dos detritos.

As algas — com predominância no Lago, das cianofíceas — vivem unidasumas às outras. Assim, elas acabaram por formar uma grossa camada, impedindo a realização, pelas espécies que ficam sob a superfície da fotossíntese — processo de liberação de oxigênio.

Desta forma, essas algas em posição inferior, morrem e matam, também por falta de oxigênio, os peixes, que recebem delas o oxigênio para sobreviver.

O tratamento

As estações de tratamento de esgotos da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb) desenvolvem um trabalho que não elimina os principais nutrientes para as algas: o fósforo e o nitrogênio. Na verdade, segundo explica o chefe da Divisão de Tratamento de Esgotos do órgão, Klaus Dieter Neder, apenas duas fases são desenvolvidas, a primária e a secundária.

Na fase primária são retirados os materiais sólidos como madeiras, estopas e papelão. Isso é feito numa espécie de peneira, por duas vezes subsequentes. Na segunda fase, a secundária, o material restante é decantado em câmaras fechadas, onde recebe tratamento à base de bactérias que se alimentam dos compostos do esgoto. A terceira fase, e que deveria ser feita para que o esgoto saísse “limpo”, é a total eliminação dos sais, ou seja, fósforo e nitrogênio. E é exatamente isso que as estações não fazem.

O que se faz para salvar

Um forte mau cheiro que tomou conta de Brasília em 1978 alertou pela primeira vez as autoridades locais para o problema que se alastrava sobre o Lago Paranoá: a poluição. O cheiro insuportável era o primeiro resultado da morte de um grande número de algas, provocada pelo excesso de detritos jogados no Lago, muitas vezes, sem qualquer tratamento.

Com este primeiro alarme, a Caesb elaborou um projeto para despoluição do Lago, mas que acabou sendo engavetado. Depois dele, tentaram despoluir através dos aguapés, conhecidos por sua capacidade de absorção de matéria orgânica.

Mas, como explicou Benjamin Sicsu, da Coordenação do Meio Ambiente, «isso não resolve». O que os aguapés fazem é aumentar a evaporação e a perda d'água, servindo, ainda, para a proliferação de caramujos, mosquitos e répteis, segundo Sicsu. Os técnicos da Coama ressaltam que o desenvolvimento dos aguapés provoca também queda na concentração de oxigênio na água, resultando na morte de peixes.

Além disso, com o crescimento da poluição, muitas áreas ou já foram sedimentadas, ou estão em processo de sedimentação ou já se transformaram em pântanos. Como exemplo, Benjamin Sicsu lembra o caso das casas das QIs 1 e 2 do Lago Sul, que foram construídas à beira da água, numa área onde hoje o que existe é pântano. Em outras áreas já se pode encontrar bancos de areia, surgidos em consequência da má utilização das margens do Paranoá.

Numa das inúmeras tentativas de socorrer o Lago, a Caesb chegou a construir uma máquina especial para retirar os aguapés e bancos de areia. Os resultados foram insignificantes. Agora, a Caesb tenta uma nova medida: o projeto de despoluição, cuja licitação internacional foi aberta recentemente pela Caesb, que vai usar recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Três empresas concorrem: Andrade Gutierrez, Serveng Civilsan e Mendes Júnior. As propostas dessa comissão estão sendo utilizadas pela Caesb, que ainda neste mês pode divulgar a vencedora.

Briga no GDF

O projeto da Caesb prevê a ampliação das estações de tratamento de esgotos das Asa Sul e Norte. Essas estações passariam a tratar



Benjamin Sicsu, da Coama, não aprova os métodos da Caesb para despoluir o Paranoá



Diariamente, mais de 60 homens pescam com tarrafas no lago